

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 630

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

ARCINDO

CARNAVAL de 1938



ARCINDO

O Zézinho e cada mano, nada menos do que quatro, resolveram este ano mascarar-se e ir ao Teatro.

— «Mas como havemos nós de ir? Com que trajos?!...» — grita um.
— «Se nos fôssemos vestir à moda do «Pim-Pam-Pum»?»

— «Bela idéa! — (diz o Paco, abrindo um grande baú) — Tu vais de Chico macaco e de Senhor Lucas tu.»

— «Eu cá depressa me dispo e me visto de Tobias...»
— «Tu vais de Joaquina Bispo e o Chico de Jeremias.»

Dito e feito. Assim trajados, cada qual o mais travesso, eis os cinco mascarados fazendo um grande sucesso.

E em grande contentamento, dava um viva cada um:
— «Viva o qu'rido suplemento!...»
— «Viva o nosso «Pim-Pam-Pum»!»

TRISTE HISTORIA

■ DUM CÃO ■

Por DIOGO ALVARO



BRASILINO FRINO RINO

POR ALBERTO NEVES

Brasilino Frino Rino
Vindo há pouco do Sertão,
E' um ótimo menino
Mas preto como o carvão.

Por triste coincidência
Brasilino é carvoeiro.
Ora, há dias, um ardina
Falou-lhe assim, prazenteiro:



— «Tu podes-te mascarrar,
Mascarrar até mais não!
Que ninguém repara, pois
Es preto como o carvão».

Diz-lhe o outro: — «Tens razão!
Disso inda eu me não lembrara...
Eu posso andar mascarrado,
Sou preto... ninguém repara!»



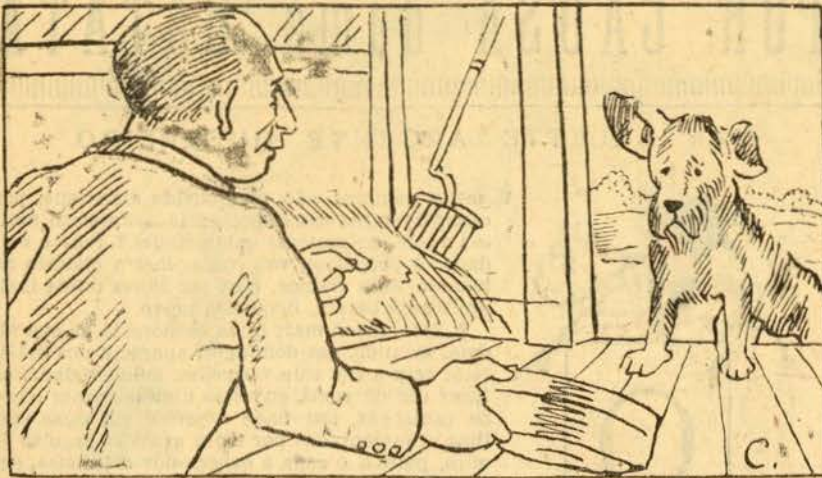
«Farruca» aparecera na aldeia não se sabia como. Pouco maior do que um bacininho ao nascer, quasi nunca ladrava. Era-lhe escasso o tempo para esgarafunhar pelos lixeiros da povoação os curtos mantimentos que lhe ajudassem a manter de pé o esgalgado corpo. A-pesar dos sérios dissabores que, por vezes, de aí lhe resultavam, nutria uma simpatia enorme pelas crianças, sobretudo se lhe topava nas mãos algum naco de apetitosa brôa. Aproximava-se, então, sentava-se junto delas, abanando a cauda, muito direito, orelhas estacadas, focinho no ar e os olhos brilhantes, de incrível doçura, fitos no pão! Lazarento e faminto, esperava a esmola, engulindo em seco vezes sem conto... Por fim, se as migalhas tardavam muito, acabava por se manifestar, timidamente; levantava, então, uma das patitas dianteiras e pousava-a, de mansinho, sobre uma perna da criança, ensaiando gemidinhos de verdadeiro choramingas. Mas as suas crises de ternura nem sempre eram bem compreendidas. Escorraçavam-no, batiam-lhe, atiravam-lhe pedras. De vez em quando as crianças abriam as goelas num berreiro medonho. Choravam, tinham medo daquele pobre cão, que só não era inofensivo, por ser feio, horrivelmente feio e extraordinariamente magro com o seu pêlo muito curto e crêspo, negro como carvão, e as suas orelhas enormes, quasi sempre uma levantada e outra caída... O focinho era descomunal, e todo negro também.

Tinha umas barbelas enormes, lembrando as de um chibo... Coxeava um pouco, proeza dum garoto prodígio, que, uns dias antes, faltara à escola, para o perseguir às pedradas. Conduzia, nessa época, uma chaga viva no lombo, uma chaga que nunca provara azeite e onde se refastelavam continuamente três mósas insaciáveis. Mas onde quer que nasça um cardo, há sempre uma flôr, no meio da sua fealdade, os olhos dum preto retinto, brilhantes como verniz, encerravam uma certa porção de beleza. Havia no seu olhar o quer que fosse de humano, desde a viva expressão de inteligência, de alegria ou tristeza, que em certos momentos se desenhava nêles até à graciosa limpidez das pupilas escuras. Mas, de quando em vez, as crianças assustavam-se quando êle se aproximava, a mendigar as códeas lambuzadas; choravam, faziam barulho.

— «Oh mãe! Oh mãe!... (Berravam, lacrimosas, recuando com o naco de brôa muito apertado numa das mãos, levantada à altura da cabeça). Êle quer-me comer o pão...!» E o reforço surgia... a mãe vinha inquirir do que se passava.

— «Chó demônio! Roda daqui! — gritava ela, avançando para o bicho e apanhando os calhâus que lhe ficavam mais a jeito. — Olha o tinhoso!» E zás choviam as pedradas. E o «Farrusca», o misero e vagabundo, rabo trilhado entre as pernas, e as orelhas pendentes, lá partia coxeando, arrastando a vil carcassa com o olhar velado de melancolia, e parecendo querer perguntar. Mas que mal faço eu a esta gente? Um dia João Caetano, um pobre lavrador, deu com êle à porta de casa. Causou-lhe pena o aspecto do cão, os olhos su-





plicantes. A fealdade do animal, longe de exacerbar-lhe o ânimo entretinha-lhe a compaixão. Chamou-o. O «Farrusca» fitou-o desconfiado. João Caetano insistiu. Entrou em casa e voltou lesto trazendo numa tijela uns restos de comida. Colocou-a no chão. O «Farrusca» agitou a cauda, e passou a língua repetidas vezes pelas ventas húmidas, perplexo, indeciso, a cair de fome e de medo. Por último, não resistiu à tentação, e, minutos depois, esvaziava, sófregamente, a malga de barro encarnado. Lavrador e cachorro tornaram-se dois bons amigos. Desde então, o «Farrusca» passara a chamar-se assim, e a deixar de ser apedrejado, desde que lhe conheceram dono. A fome já não era tanta, e as três mósas que continuamente se refastelavam na chaga viva, tiveram, pouco depois, de abandonar, contrariadas, o antigo poiso. Dormia, agora, no quintalejo do patrão, onde lhe arrajaram um caixote esburacado, a servir de casota, com um punhado de palha seca, a fazer as vezes de colchão. O desgraçado movêra a piedade, e a piedade gerára a simpatia.

E, um ano mais tarde, o «Farrusca», continuava a ser horrivelmente feio, mas os seus ossos já não flutuavam à superfície da pele...

F I M

CONCURSOS
QUINZENAIS
de CONTOS e POESIAS INFANTIS

No intuito de estimular as vocações literárias dos nossos leitores de idade superior a 15 anos, a mais compatível com o desabrochar intelectual do incipiente escritor, o «Pim Pam Pum» inicia uma nova série de CONCURSOS QUINZENAIS DE CONTOS E POESIAS INFANTIS, baseado no seguinte plano:

SERIE A

Para os concorrentes de 15 a 17 anos

SERIE B

Para concorrentes de 17 a 20 anos

SERIE C

Para concorrentes de idade superior a 20 anos.

Serão estabelecidos dois prémios para cada série, tanto para o concurso de Conto como para o de Poesia, os primeiros de trinta escudos e os segundos de vinte.

Serão publicados no nosso suplemento, não só os trabalhos premiados, sem direito a qualquer outra retribuição, mas também aqueles que obtiverem menção honrosa e os seus autores terão direito à pu-

blicação dos respectivos retratos numa especial galeria de honra.

As produções deverão ser enviadas à redacção do «Pim Pam Pum» — Rua do Século 63 — Lisboa, acompanhadas dum sobrescrito lacrado contendo o nome e morada do autor e, exteriormente, o pseudónimo correspondente àquele com que fôr firmado o original.

No final de cada produção, a-fim de evitar plágios, cada concorrente deverá fazer pelo seu próprio punho a seguinte declaração: —Garanto, sob minha inteira responsabilidade, a autoria do presente trabalho.

CONCURSO
GRANDES de PORTUGAL
PREMIADOS



Fernando Antonio de Sousa Chaves



José Maria Caballero Macial



Frederico Alberto Saraiva



Antonio Joaquim Coelho Ventura



José Amado



Alberto Fernando de Abreu Malheiro



Adalberto Gens da Costa Simões



Francisco de Sousa Reina

ANEDOTA

O electricista estava embaraçado.
—«Olhe lá! — disse êle para o ajudante, — ponha aqui a sua mão num destes fios.»

O ajudante assim fez.
—«Sente alguma coisa?»
—«Não, senhor.»
—«Está bem, — (disse o electricista) — eu não tinha a certeza qual dêles era. Não toque no outro que lhe dá morte instantânea»



INFÂNCIA

POR GRACIETTE BRANCO

Sapatinhos que eu calçava!...
Vestidos com laçarotes!...
A bola com que brincava!...
Minhas corridas, pinotes,

Minhas francas gargalhadas!...
Cantigas que eu não sei já!...
O giroflé — giroflá!
As pautas, as tabuadas,

A ardósia, a leitura, as contas,
o recreio, as escondidas,
as minhas tranças compridas
com laçarotes nas pontas!...

Os meus bibes de riscado!...
Os grandes chapéus de palha!...
As camisolas de malha!...
O bonbom, o rebuçado,

O fio de ouro, ao pescoço,
que me servia de enfeite!...
O grande copo de leite
que era o meu péqueno almôço!...

Torrões de açúcar, pinhões,
que me levava a criada!...
O prato da marmelada
e a compota dos boiões!...

E... aquele grande momento
em que o sol ia a fugir,
e eu deixava de sorrir
para ficar a seguir
o vôo do pensamento!...

A beleza do passado
brilha a tão grande distância
que sinto sempre a meu lado
os tempos da minha infância!

POR CAUSA duma BATATA

POR ARLETTE ARGENTE GUERREIRO



Se meus meninos não têm ouvido dizer que, por causa de coisas sem importância, acontecem, muitas vezes, as maiores calamidades? Pois é verdade. A propósito, vou contar-lhes a história da menina Zefa Nabiça, que, por causa duma insignificante batata, ficou sem noivo.

A Zefa, era a mais linda cachopa lá da sua aldeia. Quando, aos domingos, aparecia nos bailes com a sua saia vermelha, muito rodada, as faces côr de romã, envoltas num barrante lenço de ramagens, por onde espreitavam duas orelhas ornamentadas por umas grandes argolas de ouro, punha à roda a cabeça dos «Manéis», enquanto as demais cachopas se mordiam de despeito.

«Ora, a Zefa estava noiva do mais guápo môço das redondezas o Zé Nabo, o qual, aos quatro ventos, gabava as prendas da sua Zefa.

Na mesma aldeia vivia um vèlho, conhecido pelo ti'Genóca, a quem a muita experiência da vida dava uma sabedoria de pasmar.

Um dia, o ti'Genóca, ouvindo, pela mílessima vez, os elogios que o Zé fazia da sua Zefa, perguntou-lhe:

— «Ouve cá, ó Zé, a tua cachopa é assim tão prendada como dizes?»

— «Ora essa, ti'Genóca! — retorquiu êle, ofendido — «Antão» «bomecê» não sabe isso «tamem» como eu? Não vê que não há por aqui outras «fácias» «tam» lindas, nem quem, nos bailes, sapateie com mais graça?» — E, ao dizer isto, os olhinhos do Zé Nabo brilhavam com tão alegre entusiasmo, que até pareciam duas brasas ardentes.

Mas o ti'Genóca, que tinha fama de filósofo e que, como tal, era caterra, não se deu por convencido e tornou:

— «Lá que a cachopa é bonita e que sapateia que nem seiscentos diabos à solta, é verdade. Mas se achas que as prendas duma cachopa casadoira se resumem nisso, temos conversado!»

— «Pois temos, temos, ti'Genóca!...» — respondeu êle, fazendo menção de se afastar com toda a ligeireza.

Mas o ti'Genóca, percebendo-lhe a manha, berrou-lhe:



RESPEITO aos SERVIÇAIS

Por JOSINO AMADO

Um professor primário, um belo dia,
Sentado à mesa, em casa, a trabalhar,
Ouviu um filho seu com grosseria
No corredor a serviçal tratar.

Ficando aborrecido, descontente,
Chamou ao pé de si o seu filhinho,
E, sentando-o no colo, amavelmente,
Disse-lhe assim, sereno, com carinho:



— «A cantar à desgarrada,
Esfrega e lava a criada.»

— «¿Quem é que faz, sorridente,
Mil serviços pequeninos,
Atarefada, obediente,
À mãe, aos pais, aos meninos?»

— «É a que ganha a soldada,
É a Maria, a criada.»



— «Olá homem! Não fujas assim, que não caiu Troia...»
Resignado, o pobre Zé dispôs-se a continuar ouvindo aquilo que ele considerava: «madurezas do vêlhote».

— «Dize lá, ó Zé—continuou o ti'Genóca—já viste a Zefa descascar batatas?»

— «Se eu já vi a Zeca descascar batatas?—repetiu o Nabo, esbugalhando muito os olhos—Mas p'ra que diabo preciso eu de vêr isso, ó ti'Genóca?»

— «Pois é isso mesmo que tu precisas. Por aí ficarás sabendo se a cachopa te convém ou não.»

— «Antão, eu cá, «hê-de» saber isso por uma batata? O' ti'Genóca «bomecê» está brincando comigo?»

— «Qual brincar, homem! Olha que não tenho a tua idade!...»

Com efeito, o Zé Nabo, vendo-lhe as barbichas cõr de neve, e o espinhaço tão dobradinho que parecia que andava à espreita da sepultura, acabou por convencer-se de que o vêlhote falava sério e que as batatas que êle saboreava om tanta delicia, tinham, naturalmente, a mesma virtude da «bruxa da Arruda», e foi já a tremelicar que êle perguntou:

— «Mas como é isso «arranjado», tizinho?»

O ti'Genóca puxou-o paternalmente para si e segredou-lhe qualquer coisa que, a avaliar pelos trejeitos de pasmo que o Zé Nabo fazia, devia ser estu-pendo.

Quando, momentos depois, se separaram, o vêlhote recomendou-lhe:

— «Não esqueças o que te disse e repara bem em tudo, ouves?!»

— «Fique descansado, «mê» rico «tizinho!»—respondeu o Zé, já a caminho da casa da Zefa Nabica.

Uma vez ali, e sem mais aquelas, ordenou à Zefa que fõsse preparar-lhe umas batatinhas...

(Continua na página 6.)

— «Com pano, escõva e pomada,
A noite, foi a criada.»

— «Vês esta limpa roupinha?
¿Quem foi, quem foi que a lavou,
E, altas horas, na cozinha,
Com ferro quente a passou?»

— «Com sua mão calejada,
Sei, eu sei, foi a criada.»

— «E, com cuidado e limpeza,
Quem faz a ceia, o jantar,
Lava a louça e põe a mesa
Para o menino papar?»

— «Diligente, arremangada.
É sempre a nossa criada.»

— «E a caminha onde, deitado,
O meu filho faz «ó-ó»,
E a êste velho sobrado
Quem os limpa e varre o pó?»

— «Ganna, ganha; porém, êsse di-
nheiro

Custa esforço, canseiras e suor!...
E tu, há pouco, foste mau, grosseiro,
Com quem te serve com respeito,
amor.

Não tornes, filho; com delicadeza
Deves sempre tratar quem te servir,
Porque ser serviçal não é vileza,
É ganhá-lo com custo e cara a rir!»

— «Perdão, pois, fui incorreto,
Mas nunca mais volto a ser.
Neste beijo lhe prometo
Cumprir sempre o meu dever!»

F

I

M



— «Diga-me lá, o meu filho,
Vamos a ver se é capaz,
¿Quem é que deu tanto brilho
Às botinhas que hoje traz?»



O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA MESTRA

Querida Maria:

Para fazeres este pequenino «napperon», vais seguir qualquer destas sugestões que te dou. Podes bordá-lo sobre linho crú, com «filoselle» brilhante, de qualquer cor, ou sobre linho de cor e neste caso bordarás com «filoselle» crua.

De qualquer das maneiras ficará bonito, pois o efeito será sempre agradável.

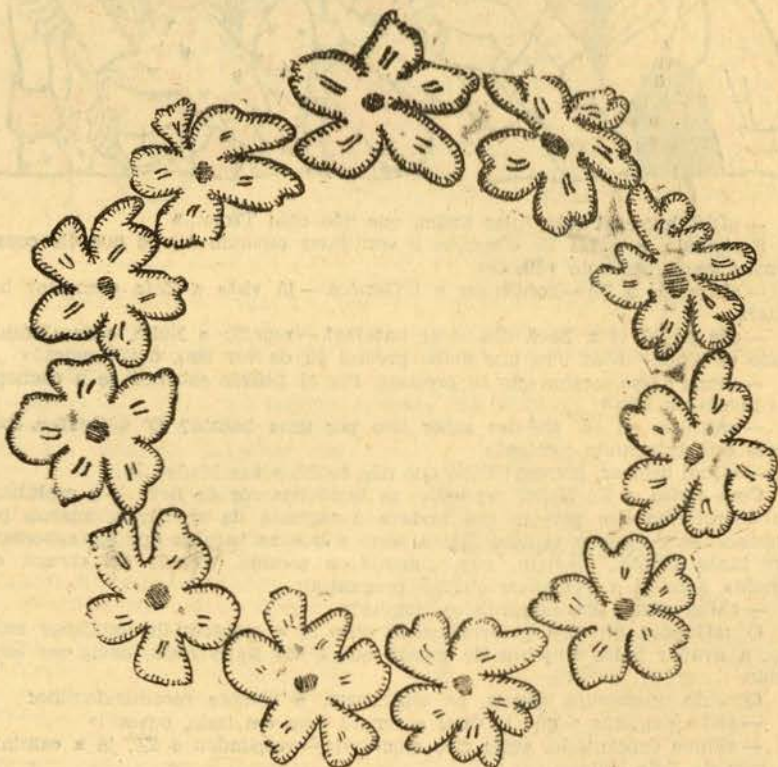
Fica, assim, satisfeito o teu pedido, o qual, certamente, irá ter bom acolhimento da tua parte. Assim o espero, não é verdade?

Pelo que me mandas dizer, a tua «filha» está já senhora de linhas roupinhas e pensas, portanto, parar com o enxoval, para te dedicares a um trabalhinho que queres oferecer à Tia Helena no dia dos seus anos.

Encantadora é a tua ideia, Maria! A Tia Helena vai, com certeza, ficar radiante com a sobrinha e há-de apreciar imenso o teu lindo presente!

Quem, também, está muito contente contigo e te dá um grande abraço, é a tua velha amiguinha

ABELHA MESTRA



POR CAUSA duma BATATA

(Continuação da página 5)

A Zefa, a-pesar-de achar tal pedido destrambelhado, apressou-se a executá-lo.

E então era vêr os olhos do Zé, muito arremangados para as batatas que as mãos da Zefa descascavam ligeiramente.

Mas, à medida que o trabalho se ia adiantando, o pobrezinho, olhava, ora para as batatas, ora para a cozinheira, com um ar tão patusco que a Zefa já estava intrigada.

Mas, quando ela acabou a operação e se preparava para pôr tudo no borralho, é que foram elas! O Zé deu um ai tão lastimoso, revirou por tal forma os olhos, que a rapariga, julgando que lhe ia dar algum chilique, assustou-se tanto, que a caçarola e as batatas se espalharam pelo chão.

— «Ai! Ai! — gemia o pobre Zé — ai que lá se foi o «mê» rico sonho e tudo por causa duma batata!...»

«Tás maluco, «home?!» — exclamou a Zefa, já um tanto receosa e olhando cautelosamente para um pau que estava perto dela...

— «Ai... Ai... — repetia, lastimoso, o Zé Nabo — ai que já não posso casar contigo, porque tu és uma gastadora, uma preguiçosa, uma porca...»

— «E uma valente para recompensar as amabilidades de Vossa insolência!» — berrou a Zefa, armada do pau que os seus olhos acariciavam havia momentos.

Mas, nisto, o pai da Zefa, que fôra arrancado à sua sonéca pelos ais e uis do Zé, apareceu entre portas.

— «Diga lá, seu malcriado, porquê é que a minha filha é uma preguiçosa e uma porca? Diga, ande!»

O Zé, cheio de tremeliques, apontou primeiro as cascas e depois as batatas que jaziam no soalho.

(Continua na página 7)

SEM CERIMÓNIA



O rapaz: — O meu pai manda-lhe aqui a sua escada. Ele partiu-a por acaso, e diz para vocemecê a mandar consertar o mais depressa que puder, porque queria que lha tornasse a emprestar, para a semana.

Curiosidades

COMO CORREM OS ANIMAIS

As diferenças que se observam entre as maneiras de correr dos diversos animais, são extremamente notáveis.

Mesmo limitando-nos aos seres mais superiores, aos mamíferos, veremos que os movimentos que fazem correndo, por exemplo, um cavalo, um cão e uma lebre, são muito diferentes, sem falar já em comparações com os que faz um macaco ou um homem.

Estas diferenças, além de serem curio-



Duas posições de galope do cavalo de corridas

sas, têm grande importância para os artistas. Durante muitos séculos, estes, sempre que quiseram pintar um animal quadrúpede correndo, o fizeram de um modo puramente convencional, o mesmo para todos os animais.

O cavalo, ao galopar, permanece no ar um certo tempo, tanto mais quanto mais rápida for a corrida; os seus membros, porém, não se movem simultaneamente,



Como galopam os galgos

como o demonstra qualquer fotografia de um cavalo correndo.

Se trotar em vez de galopar, o cavalo move, ao mesmo tempo, duas patas diagonalmente opostas, isto é, adianta a pata anterior direita ao mesmo tempo que a posterior esquerda, e a anterior deste lado com a posterior direita.



Um gamo correndo

Os que galopam encolhendo e estendendo as quatro patas ao mesmo tempo, são os cães, sobretudo quando correm a toda a brida.

De igual modo correm os lobos e as raposas, mas estes costumam conservar a cauda mais ou menos horizontal, durante toda a corrida, enquanto os cães costumam ir levantando-a e baixando-a, o que se observa principalmente nos lebreos.

Os cães também trotam, com a particularidade de que, ao fazê-lo, costumam



Antilope saltando

ir torcidos, com o corpo mais ou menos diagonal, segundo a linha que seguem na sua marcha.

Todos os felinos, desde o leão até ao nosso gato doméstico sabem trotar; mas o mais vulgar é correrem, dando uma série de saltos, nos quais o corpo se ergue bastante no ar e a cauda vai sempre levantada.

Um gato, correndo atrás de um rato ou de um novelo, pode servir como exemplo deste modo de correr, bastante diferente do galope da família canina.

Os ruminantes, caracterizados pela sua ligeireza (viados, gamos, antílopes), correm também aos saltos. Nos gamos, as



O trote do camelo

patas dianteiras movem-se uma a seguir à outra, enquanto as trazeiras se levantam ao mesmo tempo; além de que, a fotografia e até a simples vista, se a corrida não for muito rápida, revelam que, quando as primeiras se estendem, as segundas se encolhem e vice-versa. Mui-



Uma raposa correndo

tos antílopes correm também desta maneira, e há alguns, como o antílope negro da Índia e o «springbok» da África, que principiam sempre a correr, dando uma longa série de saltos tremendos, nos quais se levantam a uma altura de dois e três metros.

O *t'Jóquim*, não compreendendo aquela mímica, berrou:

— «Explicas-te ou não, mafarrico?!»

— «Ai, *t'Jóquim*, a sua filha «arrencou» uma casca tão grossa às batatas, que por aí vi que ela é uma gastadora. «Os-fois», como não se deu ao trabalho de lhe «arrencar» os «olhos», vi logo que ela é uma grande preguiçosa e uma «dismazilada». E «tamem» é uma porca, porque as lavou só numa «áuga».

O *t'Jóquim* estava pasmado com a inteligente sábeça do Zé, quando este, num berro, terminou:

— «Vou-me embora, *t'Jóquim*. Vou p'rá «Engolá»...»

— «Vai mas é pró inferno!»—respondeu ele, empurrando-o para fóra, mas pensando lá com os seus botões que o rapaz tinha razão, pois uma mulher gastadora, desmazelada e pouco asseada, não pode ser uma esposa aceitável.

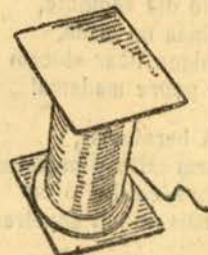
Quanto à Zefa, pensava que de nada servia ter o maior cuidado em esconder os defeitos, pois que eles, como as virtudes e o azeite, «vem sempre ao cimo da água...»

E aqui está porque a Zefa Nabíça ainda hoje espera que o Zé regresse de Angola, onde me consta que está muito contente, pois se fez cabeleireiro dos senhores macacos...

Agora, minhas amiguinhas, a quem dedico esta historieta, oiçam o meu conselho:—Aprendam a ser económicas, trabalhadoras e a terem tudo em muita ordem e asseio, para que, mais tarde, sejam uma mulherzínhas respeitadas e queridas por toda a gente.

PARA OS CARRINHOS NÃO REBOLAREM

A maneira de evitar que os carrinhos de linha rebolem pela mesa de costura e caíam ao chão, é pegar-lhes nas extremidades uns quadradinhos de cartão. Estes quadradinhos devem ser um pouco maiores que o diâmetro do carrinho.



O sistema é, como se vê, simplicíssimo, e, embora pareça à primeira vista sem importância, é de grande utilidade porque lhes poupa tempo e cansaça.

SURPRESA MUTUA

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAIS RIMAS e FIXAIS CONCEITOS

Por JOSINO AMADO

Por ARGENTINITA

Dona Anica
Costa Brites,
dama rica,
tôda triques,

um dia (que dança!)
ficou sem sopeira
e, vai, sem tardança,
e muito lampeira,

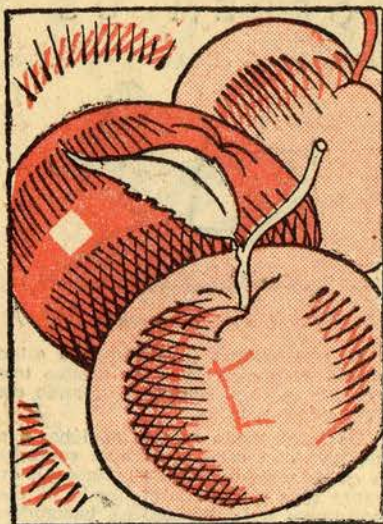


anúncio botar,
num grande jornal,
p'ra assim arranjar
nova serviçal.

No dia seguinte,
ainda na cama,
julgou ficar «lucas»
a pobre madama!

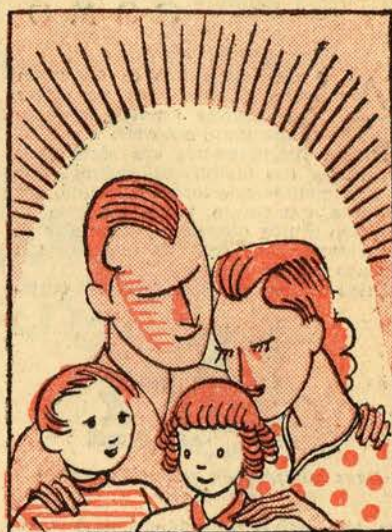
A barafustar,
sem jeito e maneiras,
invadem-lhe o lar
mais de mil sopeiras...

Mas — (ó que alegria!)
vendo uma moçoila
que até parecia
«Maria Papoila»,



Deu-me docinhas maçãs
Minha tia um destes dias.
Eu, por minhas três ir...,
Amiguinho, rep.....

Bom moço, fazendo isso,
Cultivou fraterno amor.
Abelhas de igual c.....
Dividem o mel da f...!



A nascente cristalina
Da mais pura e sã moral,
Brota da rocha div....,
Do santo lar mat.....!

Nela há milénios assenta
Das sociedades a vida;
Embalde ruge a t.....
Se a família é forte e u.....!

D. Anica Brites
zás... rejubilou!
E, sem arrebiques,
logo a contratou.

Porque ela era viva
e mui donairosa,
asseada e activa
e nada gulosa.

Nem mesmo gostava
de vinho e licôres...
A ama encantada,
bradava louvôres!...

Mas, num certo dia,
eis que a D. Anica
ao ir à cozinha,
assombrada fica,

por vêr a criada,
com tôdo o confôrto,
a beber, folgada,
bom vinho do Pôrto...

Perante o que via,
diz, arrenegada:



— «Maria, Maria,
eu estou pasmada!»

— «Tamdém eu! — (diz ela,
com modo atrevido)
Julguei que a senhora
tivesse saído!...»